



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



CORPO E IDENTIDADE DAS PESSOAS TRANSEXUAIS

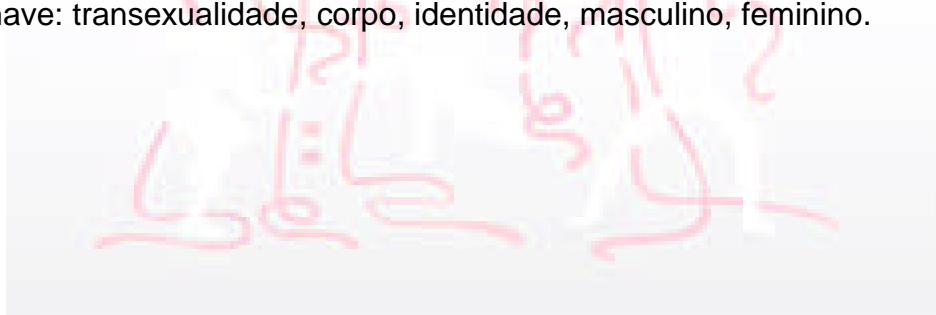
Liliana Lopes Pedral Sampaio¹

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho²

Resumo

Quando um bebê nasce, dizer que nasceu um menino ou uma menina implica em atribuir uma *identidade sexuada* reconhecida pela binaridade. Existe uma expectativa de que os corpos sejam masculinos ou femininos, conforme o sexo biológico. Essas categorias afetam diretamente a maneira como a criança será tratada e nomeada. Na transexualidade, o sexo biológico não coincide com a identidade de gênero do indivíduo. Por isso, as pessoas transexuais optam por cirurgias e hormonioterapia para mudanças corporais. Uma pluralidade de conflitos entre corpo, sexualidade e identidade de gênero é, nesse sentido, intrínseca, à experiência transexual. O discurso biomédico, entretanto, faz dessa experiência uma patologia, um transtorno de identidade. Nesse contexto, esta comunicação pretende discutir questões ligadas ao corpo e à identidade das pessoas transexuais, a partir da literatura existente, da experiência de pesquisa realizada com esta população na cidade de São Paulo e das contribuições das percepções das próprias pessoas transexuais. Aspectos do processo transexualizador ligados às masculinidades e feminilidades serão aqui abordados.

Palavras-chave: transexualidade, corpo, identidade, masculino, feminino.



¹ Psicóloga, Pós-graduanda em Teoria Psicanalítica – PUC/SP. Email: liaunifacs@yahoo.com.br

² Psicóloga, Psicanalista, Professora Adjunto do Instituto de humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da UFBA. Email: therezacoelho@gmail.com



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



Siqueira (apud BENTO, 2006), em seu prefácio ao livro *Reinvenção do Corpo*, revela que a autora discute a transexualidade como conflito identitário e não como enfermidade, na perspectiva de que o processo de organização social das identidades é o mesmo tanto para transexuais quanto para não-transexuais. Nessa direção, a norma de gênero postula que somos o que nossas genitálias informam, de modo a haver uma concordância entre gênero, sexualidade e corpo.

Segundo Ceccarelli (2008), logo após o nascimento e mesmo antes disto, o bebê é tratado como menino ou menina, consolidando a crença segundo a qual o sexo anatômico designa o gênero masculino ou feminino. Uma dessas posições é reforçada “através de palavras, do discurso dos pais sobre a criança e para com a criança, discurso baseado nos desejos dos pais, seus fantasmas e crenças, pelos presentes que serão dados ao recém-nascido, pelo lugar que ele ocupa na família e na sociedade” (CECCARELLI, 2008, p.68). De acordo com Cohen-Kettenis e Gooren (2009), os pais de meninos transexuais contam que, assim que seus filhos começam a falar, insistem em usar roupas e sapatos de suas mães e são exclusivamente interessados em jogos e brincadeiras de meninas, mostrando muitas vezes uma angústia em ser menino ou ter genital masculino. No entanto, é comum meninos serem interessados em objetos e brincadeiras de meninas, e vice-versa, sem serem transexuais. Ainda segundo esses autores, estudos exploratórios sobre a etiologia da transexualidade consideram que, até o sujeito atingir a idade adulta, diversos fatores estarão interagindo em diferentes períodos da vida, contribuindo para a formação da identidade e comportamento de gênero. Entre esses fatores são apontados os biológicos, as constelações familiares e práticas da educação infantil. De acordo com esses estudos, nas últimas décadas, a compreensão desse processo aumentou consideravelmente, mas uma grande parte dele ainda permanece enigmática.

Quando falamos em transexualidade, estamos nos referindo a um universo subjetivo. Sabemos que Freud não teve como foco de investigação a questão da transexualidade. Porém, a leitura dos seus textos nos permite diversas reflexões. Podemos perceber a importância que seu raciocínio pode ter hoje na compreensão e discussão desse fenômeno. A transexualidade é sumamente complexa e inclui uma



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



diversidade de formas de subjetivação. Nesse sentido, a sua investigação clínica opõe-se à tentativa de entender as pessoas transexuais como um grupo homogêneo. Ceccarelli (2008) aponta que:

a posição de Freud ao chamar a atenção para a dificuldade em se definir masculino e feminino é revolucionária, na medida em que, nessa perspectiva, recusa toda amarra na realidade anatômica, subordinando, assim, a significação dessas noções a resultados de processos bem mais complexos que as determinações instintuais (CECCARELLI, 2008, p.68).

Entre outros aspectos, a psicanálise enfatiza a participação da afetividade na dinâmica psíquica, na perspectiva de que os fenômenos aparentemente mais obscuros e arbitrários são determinados e dotados de sentido. De acordo com Freud (1924):

entre as atitudes afetivas da infância destacou-se a complicada relação emocional com os pais, o chamado “complexo de Édipo”, no qual reconhecemos cada vez mais claramente o núcleo de todo caso de neurose, e que na conduta do analisando perante o médico chamaram a atenção determinados fenômenos de transferência emocional, que adquiriram enorme significado tanto na teoria como na técnica. Já nessa configuração a teoria psicanalítica das neuroses continha vários elementos que contrariavam as opiniões e inclinações vigentes e podiam suscitar estranheza, aversão e descrença nos observadores. Por exemplo, a posição ante o problema do inconsciente, o reconhecimento de uma sexualidade infantil e a ênfase dada ao fator sexual na vida psíquica em geral; mas outros se juntariam a esses (Freud, 1924, p. 233-244).

Ao tratar da inversão, Freud fez referência aos desvios em relação ao objeto sexual. No seu texto Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, mais especificamente no ponto referente aos Desvios com Respeito ao Objeto Sexual, Freud disse:



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem não o homem, e sim a mulher, representa o objeto sexual. Diz-se dessas pessoas que são "de sexo contrário", ou melhor, "invertidas", e chama-se o fato de inversão. O número de tais pessoas é bastante considerável, embora haja dificuldade em apurá-lo com precisão (FREUD, 1905, p.129).

Podemos considerar que, em certos aspectos, a homossexualidade também se apresenta de forma semelhante para o grupo de pessoas transexuais. Se Freud fez referência ao sexo expresso pelo biológico, nessa referência, no caso das pessoas transexuais tomaremos como diretriz o sexo psicológico, e não o que se expressa em nível biológico. Ainda sobre a homossexualidade, Freud coloca as seguintes possibilidades de sua expressão: homossexualidade propriamente dita, quando o objeto sexual é sempre do mesmo sexo ao qual se pertence; bissexualidade, quando o objeto sexual pode pertencer tanto ao próprio sexo como ao sexo oposto; homossexualidade ocasional, quando, em ocasiões que levam à inacessibilidade do objeto do sexo oposto, uma pessoa do mesmo sexo pode ser tomada como objeto sexual. Freud afirma que os homossexuais mostram um comportamento bastante variado. Alguns aceitam a homossexualidade como algo natural e outros se opõem a ela, sentindo-a como algo que não deve ocorrer. O mesmo se observa com as pessoas transexuais. Algumas acreditam que a transexualidade deve ser entendida como mais uma das formas de subjetivação do ser humano, enquanto que outras crêem ser ela um transtorno, eximindo-se, assim, de quaisquer responsabilidades, como escolha pessoal, bem como a seus familiares, em relação a fatores como formas de criação por parte dos pais, organização familiar ou mesmo traumas que tenham sofrido durante a infância. Podemos também pensar que existe um número considerável de pessoas transexuais, embora haja dificuldade em se precisar isto devido a diversos fatores, como a discriminação social, que fazem com que estas pessoas prefiram permanecer no anonimato. O que podemos constatar é que a grande maioria delas, quando busca auxílio terapêutico e jurídico, já tem a certeza da sua transexualidade, pretendendo com a terapia uma adequação com relação aos caracteres secundários e outros aspectos legais, como a alteração do registro civil.

A afirmativa seguinte de Freud em relação à homossexualidade pode ser estendida



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



à transexualidade, na medida em que esta também “pode vir de longa data no indivíduo, até onde sua memória consegue alcançar, ou só se ter feito notar em determinada época, antes ou depois da puberdade” (FREUD, 1905, p.130). As pessoas transexuais passam por muitas dúvidas quando a transexualidade ainda não pode ser nomeada ou entendida como tal, sendo que muitas levam um tempo para compreender que suas questões com relação à sexualidade não estão necessariamente no escopo de uma inversão com relação ao objeto sexual, mas que se referem a um desacordo entre sexo biológico e sexo psicológico (característica que define o grupo de pessoas transexuais), favorecendo uma série de conflitos. Essas pessoas unanimemente afirmam que não entendiam, inicialmente, o que se passava com elas, pois não se sentiam pertencentes a nenhum dos grupos de “indivíduos invertidos”, ou seja, não se sentiam lésbicas e não se sentiam gays. Tomando por base o sexo psicológico, a grande maioria das pessoas transexuais entrevistadas em estudo de campo realizado em São Paulo entre 2008 e 2010, mesmo que tenham tido uma experiência homossexual, consideram-se pessoas heterossexuais. Tal diferença leva essas pessoas a adotarem comportamentos distintos dos grupos dos invertidos, chegando um dos homens transexuais a afirmar que, antes de saber sobre a transexualidade, ele se sentia como uma lésbica “ET” (extraterrestre).

Em nota de rodapé do texto Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, encontramos a seguinte observação freudiana no que se refere às pessoas que se rebelam contra o fato de sua inversão e a sentem como uma compulsão patológica:

Essa rebeldia contra a inversão pode ser o que condiciona a possibilidade de se receber a influência de um tratamento por sugestão [acrescentado em 1910] ou pela psicanálise (FREUD, 1905, p.130).

Para as pessoas transexuais que chegam à clínica em busca de um acompanhamento para adequação ao sexo psicológico com tratamentos cirúrgicos e hormonais, qualquer tratamento por “sugestão ou pela psicanálise”, que não ocorra na intenção de acolher a situação sem a tentativa de mudança, corre o grande risco de não ter nenhum proveito. Muito pelo contrário, pode se constituir em uma enorme fonte de



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



prejuízos psíquicos e também de impedimento de uma adequação social para esse grupo de pessoas, no sentido de caminhar contrariamente às suas necessidades de reorganizarem suas vidas em torno das exigências sociais, médicas e psicológicas, para poderem realizar as intervenções que buscam. Isso se refere, sobretudo, às pessoas que aceitam a sua condição transexual e defendem sua igualdade de direitos com as pessoas consideradas “normais”.

Tem-se colocado em questão a pessoa transexual que, nos anos iniciais e na adolescência, não demonstrou a necessidade de buscar a cirurgia de redesignação sexual ou mesmo um tratamento hormonal para desenvolvimento dos caracteres compatíveis com o sexo a que sente pertencer. Na vida de muitas dessas pessoas, é possível observar que influências externas podem favorecer ou inibir essa busca. O sistema heteronormativo fundamentado em dois sexos (especificamente um masculino e um feminino) leva as pessoas a acreditarem que a mulher deve ser alguém que reúna caracteres físicos e emocionais pré-determinados, assim como os homens. Para uma melhor compreensão das diversas realidades expressas no âmbito da sexualidade, é preciso estar atento ao contexto histórico-social, lembrando que os atributos classificatórios de homens e mulheres também dependem de uma construção. Segundo Freud (1905):

É indispensável se deixar claro que os conceitos de “masculino” e “feminino”, cujo conteúdo parece tão inambíguo à opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos três sentidos: ora se empregam “masculino” e “feminino” no sentido de atividade e passividade, ora no sentido biológico, ora ainda no sentido sociológico. O sentido sociológico extrai seu conteúdo da observação dos indivíduos masculinos e femininos existentes na realidade. Essa observação mostra que, no que concerne ao ser humano, a masculinidade ou a feminilidade puras não são encontradas nem no sentido psicológico nem no biológico. Cada pessoa exhibe, ao contrário, uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto, e ainda uma conjugação de atividade e passividade, tanto no caso de esses traços psíquicos de caráter dependerem dos biológicos quanto no caso de independê-los (FREUD, 1905, p.208).



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



Outro aspecto interessante levantado por Freud no texto dos Três Ensaios é que:

muitas pessoas ficam sujeitas às mesmas influências sexuais (inclusive na meninice: sedução, masturbação mútua) sem por isso se tornarem invertidas ou assim continuarem permanentemente. Somos portanto impelidos à suposição de que a alternativa inato/adquirido é incompleta ou então não abarca todas as situações presentes na inversão (FREUD, 1905, p.133).

Para Freud, as hipóteses de inato ou adquirido não explicam a natureza da inversão. Seria necessário “dizer o que há nela de inato, para que não se concorde com a explicação rudimentar de que a pessoa traz consigo, em caráter inato, o vínculo da pulsão sexual com determinado objeto sexual” (FREUD, 1905, p.133). No que se refere ao adquirido, “cabe perguntar se as múltiplas influências acidentais bastariam para explicar a aquisição da inversão, sem necessidade de que algo no indivíduo fosse ao encontro delas” (FREUD, 1905, p.133). Segundo Freud, a negação deste último fator, perante as suas colocações anteriores, seria inadmissível.

Refletindo a transexualidade a partir das palavras de Freud, podemos pensar que não basta os acontecimentos e as influências acidentais para explicá-la, mas que algo no indivíduo segue para esta resolução. Segundo Ceccarelli (2008):

a clínica mostra que em todo ser humano existem imagos e fantasmas relativos ao ser pai e mãe, que serão evocados se aquela mulher, ou aquele homem, tornarem-se mãe, ou pai. Essas imagos, presentes no inconsciente parental antes da concepção da criança, constituem as bases fantasmáticas, verdadeiro berço psíquico, oferecidas ao recém-nascido quando do seu nascimento, e que terão importante papel na construção da psicosexualidade (CECCARRELI, 2008, p.123).

Mesmo admitindo-se a hipótese de que o ser humano ou é homem ou é mulher, a pessoa transexual não pretende fugir a este enquadre normativo. O que destoia da norma, nesse caso, é que o sentimento da pessoa transexual de existir enquanto homem ou mulher discorda do sexo biológico. Tanto é assim, que se procura uma melhor conformidade em relação ao sexo biológico, para se sentir em menor desacordo com ele



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



e minimizar a sua exclusão social. A transexualidade mostra, portanto, que ser homem ou ser mulher não tem o biológico como determinante da sua conformação original. Ao mesmo tempo, por exigências próprias e por pressões sofridas no contexto social, a pessoa transexual não se sente autorizada a criar uma nova categoria de gênero dentro do que se entende como “normal”. O que pode ser observado em pesquisa de campo, é que algumas pessoas que se envolveram ativamente na tentativa de estabelecer o reconhecimento de uma nova categoria de gênero, quando conseguem realizar as mudanças corporais e alterar sua documentação civil, retiram-se desse cenário alegando que desejam viver uma vida tranqüila como todas as pessoas, sendo simplesmente homens ou mulheres.

Vale lembrar que, na perspectiva freudiana, certo grau de hermafroditismo anatômico constitui a norma:

em nenhum indivíduo masculino ou feminino de conformação normal faltam vestígios do aparelho do sexo oposto, que persistiram sem nenhuma função como órgãos rudimentares, ou que se modificaram para tomar a seu encargo outras funções. A predisposição resultante desses fatos anatômicos conhecidos de longa data é a de uma predisposição originariamente bissexual, que, no curso do desenvolvimento, vai-se transformando em monossexualidade, com resíduos ínfimos do sexo atrofiado (FREUD, 1905, p.134).

Para Freud, embora Krafft-Ebing tenha relacionado a disposição bissexual à existência tanto de centros cerebrais masculinos e femininos, quanto de órgãos sexuais somáticos, não se pode afirmar a existência, para as funções sexuais, de áreas cerebrais delimitadas (“centros”), como as que são propostas para a fala. A substituição do problema psicológico pelo anatômico parece-lhe tão inútil quanto injustificada. Ceccarelli (2008) ressalta a importância do papel da bissexualidade psíquica na construção do psiquismo, ressaltando que a identificação aos dois sexos se dá pela via da introjeção das figuras parentais e das referências simbólicas do masculino e feminino. Ainda segundo esse autor:

Freud entende a bissexualidade como uma constante no ser humano – todos os indivíduos humanos, em resultado de sua



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas como femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto. [...] como em todo sujeito, o transexual possui moções pulsionais bissexuais. Entretanto, devido à particularidade de seu trajeto identificatório, ele recalará as moções pulsionais correspondentes ao sexo anatômico. Assim, as manifestações pulsionais relativas a essas moções, terão, para ele, a conotação do retorno do recalcado sendo sentidas pelo sujeito como da ordem do estranho (Unheimlich) (CECCARELLI, 2008, p.120 e 121).

Hoje sabemos que a transexualidade envolve um conjunto de fatores e que existem, inclusive, estudos que apontam para diferenças nos núcleos cerebrais de homens e mulheres. Segundo Cohen-Kettenis e Gooren (1999), sobre a etiologia, diagnóstico e tratamento da transexualidade, pode-se afirmar que:

No início deste século, tornou-se claro que o processo de diferenciação sexual, de tornar-se homem ou mulher, não é concluída com a formação da genitália externa (o critério para a atribuição de um recém-nascido de gênero). Além disso, o cérebro passa por uma diferenciação em macho ou fêmea, embora existam controvérsias a respeito de certo dimorfismo sexual. [...] A discrepância entre a suposta diferenciação genital, por um lado, e diferenciação do cérebro sexual, por outro lado, tem sido invocada como explicação do fenômeno do transexualismo. Transexualismo não é um fenômeno homogêneo e esse fato deve ser tratado como tal em investigação, bem como na prática clínica (COHEN-KETTENIS e GOOREN, 1999, p.318-328, tradução nossa).

Quando Freud fala sobre o objeto sexual dos invertidos, ele diz que a teoria do hermafroditismo psíquico pressupõe que este objeto seja o oposto do que é culturalmente considerado como normal, e que “o homem invertido sucumbiria, como a mulher, ao encanto proveniente dos atributos masculinos do corpo e da alma; sentir-se-ia uma mulher e buscaria um homem” (FREUD, 1905, p.136). Ao mesmo tempo, ele diz que isso “está longe de ser uma característica universal da inversão”. Poderíamos pensar, então, que essa inversão mais radical seria o que ocorre com as pessoas transexuais? Em nota de rodapé Freud acrescenta que:



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



Deve-se levar em conta, porém, que até o momento apenas um tipo de invertido submeteu-se à psicanálise: pessoas cuja atividade sexual estava geralmente paralisada, manifestando-se seu resíduo como inversão. O problema da inversão é sumamente complexo e inclui tipos muito diversificados de atividade e desenvolvimento sexuais. Cabe traçar uma rigorosa distinção conceitual entre os diferentes casos de inversão, conforme se tenha invertido o caráter sexual do objeto ou do sujeito (FREUD, 1905, p.1337).

Em outra nota de rodapé acrescentada em 1915, Freud afirma que:

A investigação psicanalítica opõe-se com toda firmeza à tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular. [...] No sentido psicanalítico, portanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química. A conduta sexual definitiva só se decide depois da puberdade e resulta de uma série de fatores ainda inabarcáveis, de natureza em parte constitucional e em parte acidental (FREUD, 1905, p.1338).

Essa observação acima leva a crer que a concordância em sentir-se homem ou mulher também necessita ser alvo de maiores investigações, principalmente quando levamos em conta que, para as pessoas transexuais, não lhes resta dúvida de que são homens ou mulheres, apesar do seu sentimento estar em oposição ao seu corpo biológico e ao que é determinado pela norma cultural. A indagação a respeito do que é ser homem ou mulher talvez seja mais importante do que propriamente a obtenção de uma resposta, permitindo que se façam algumas revisões dos caminhos pelos quais nos construímos e internalizamos determinados conceitos.

Durante algumas entrevistas e observações de campo, pode-se perceber o quanto o estigma social é indelével na vida das pessoas transexuais. Segundo Bento (2006), mesmo quando essas pessoas passam por todos os procedimentos hormonais e cirúrgicos para obterem os signos corporais socialmente reconhecidos como pertencentes ao gênero de identificação, ainda assim continuam sentenciadas pelo biológico. Quando uma mulher transexual é nomeada por transexual masculino está sendo estabelecido que a verdade do sujeito está no corpo. “A nomenclatura oficial retorna à essencialização que



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



a própria experiência transexual nega e recorda todo tempo que ele/ela nunca será um homem/uma mulher de verdade” (BENTO, 2006, p.44). Ainda de acordo com Bento (2006), os protocolos oficiais exigem que todo candidato à cirurgia de redesignação sexual deve se submeter a um tempo mínimo de dois anos de terapia para que não parem dúvidas com relação a sua condição transexual. Segundo Cohen-Kettenis e Gooren (1999), a psicoterapia pode ser de grande auxílio em muitos casos. Porém, a maioria dos candidatos não se sente estimulada e acredita que a cirurgia porá fim a todos os seus problemas e conflitos pessoais. Quando a motivação para a psicoterapia é baixa, a mesma se torna pouco eficiente, inclusive indo de encontro com os preceitos fundamentais para a boa prática psicoterápica. Alguns candidatos tendem a desconfiar dos profissionais, pois temem que, ao abrirem para eles seus problemas pessoais, possam ser negados para a cirurgia. Para Bento (2006), passa a existir um jogo de convencimento entre o profissional e o candidato à cirurgia.

[...] no caso dos intersexos, a “natureza” disfarça-se em ambigüidade, sendo a função da ciência encontrar o “verdadeiro sexo” [...]. Para a experiência transexual, a ciência teve de construir outros dispositivos para defini-la, classificá-la, construí-la. [...] Em última instância, o que contribuirá para a formação de um parecer médico sobre os níveis de feminilidade e masculinidade presentes nos demandantes são as normas de gênero. As normas estarão sendo citadas, em séries de efeitos discursivos que se vinculam a elas, quando o processo de um/a “candidato/a” é julgado ao final (BENTO, 2006, p.51).

Para Ceccarelli (2008):

não se pode negar que a angústia contínua que acompanha esses sujeitos desde o nascimento e os arranjos psíquicos que tiveram que fazer para suportar os conflitos internos e, mais tarde, os sociais, carregados de preconceito, conferiram-lhe um funcionamento psíquico particular, mas não patológico. [...] Sem dúvida o transexual evoca uma demanda fora da norma, enquanto em sua conduta, em seu comportamento e em seu discurso não sugere nenhuma “anormalidade”: o que fez enigma na organização psíquica do transexual é a sua normalidade (CECCARELLI, 2008, p.176 e 178).



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES
Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011
Centro de Convenções da Bahia
Salvador - BA



Referências

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro: Gramound Universitária, 2006. 256p.

CECCARELLI, Paulo Roberto. *Transexualismo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. 178p.

COHEN-KETTENIS, P. T.; GOOREN, L. J. *Transsexualism: A Review of Etiology Diagnosis and Treatment*. Journal of Psychosomatic of Research, Vol.46, nº 4, pp.315-333, 1999.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

